

Sia 4-5-932

Companhia dos Telefones

Ainda e sempre os misteriosos bastidores da sua administração

O prometido é devido. Vamos hoje occupar-nos de um novo e importante capitulo da perdularia administração da *patriotica* Companhia dos Telefones, cujos directores têm enriquecido á custa das exorbitantes taxas que arrancam aos subscritores, que, assim, alimentam a desmedida ambição dos mandões do forte potentado.

Vamos referir-nos aos preços das chamadas «primeiras instalações», a que aludimos num dos ultimos artigos.

Começaremos por salientar que a comissão de technicos, que está estudando o pedido de aumento de tarifas, feito pela Companhia, bem como a fiscalização dos Correios e Telegrafos devem apurar o preço por que as compras são feitas, não só no estrangeiro, pela direcção de Londres, paga a peso de ouro, como ainda as aquisições realizadas em Lisboa.

Estará a Companhia disposta a facilitar os elementos exactos, precisos?

Esteja ou não, isso não nos importa, de momento. Nós é que não desistiremos de dizer tudo quanto consta do nosso precioso *dossier*.
Prossigamos, pois.

As compras feitas no estrangeiro constam, principalmente de: aparelhagem de estações, telefones P. B. X. e cabos subterraneos. As compras em Lisboa constam de manilhas de grés, postes, travessas, isoladores, etc.

Todos os numeros referentes a estas compras têm que ser fornecidos pela Companhia ás entidades competentes, para um rigoroso apuramento dos tais preços de primeiras instalações.

Falta ainda, para se apurar as contas de primeiro estabelecimento, a mão de obra que, diga-se de passagem, em Portugal é boa, mas que, neste caso de que vimos tra-

tando, resulta incompeténtissima por incompetencia dos dirigentes, tanto mais de verberar, quanto é certo que essa direcção custa rios de dinheiro á Companhia. Mas, que importa, se os subscritores pagam tudo quanto os senhores do potentado querem?!

Assim, em vez de se proceder a um estudo para cada caso a resolver, faz-se isso por tentativas. Alguns exemplos:

O «M. F.» (armação de ferro para destruição dos condutores nas estações) da nova estação de Belem foi feito por três vezes. Para a mesma estação foi mandada fundir uma roda de «corôa», destinada a um motor electrico, roda que custou 1.700 escudos e que nunca foi aplicada.

Por tentativas foi feito o «M. F.» da estação de Bemfica, que só á quarta vez ficou pronto a servir!

E para variar:

Não devem a comissão de technicos e a fiscalização dos Correios e Telegrafos deixar de ver a escrita da Companhia no que se refere a quantidades de cimento requisitado e fornecido para cada traçado de cabos subterraneos que, crêmos, atinge, em alguns, dez vezes mais do que o necessario.

E, já que falamos em cabos, seria tambem bom ver se o pessoal adventicio trabalhou todos os dias que entraram em folha, e ainda se o movimento de terras fez, na realidade, a despesa com que entrou em contas.

O trabalho da Avenida 5 de Outubro, por exemplo, pode servir para este estudo.

E, por hoje, deixamos em paz, entregues aos seus projectos de vingança contra o nosso jornal, os srs. Pope, Grant, Stilwel & C.a, Limitada.